

Sobre o InSEA Seminar ; Building Social Cohesion through Arts Education , Walvis Bay , Namíbia, África - 29 de Outubro - 2 de Novembro

Por Ana Mae Barbosa



Cheguei a Walvis Bay dia 28 a tarde e tive um impacto com a cidade plantada no deserto. Trata-se de uma cidade urbanisticamente homogênea toda de casas térreas, do mesmo padrão, embora de arquitetura individual diferente. Minha sensação foi ter chegado a uma cidade democrática com pouca variação de classes sociais e de pequena densidade demográfica. Esta última impressão se confirmou pois a Namíbia é um dos países do mundo com menor densidade demográfica, mas a primeira impressão foi desmentida a medida que conhecia melhor a cidade e descobria algumas poucas casas suntuosas em espaço chegando a três andares. A areia do deserto se impõe e se interliga com a areia da praia Pistas de concreto das ruas e até do aeroporto são invadidas de areia e é preciso varre-las frequentemente. Dunas enormes ornamentam as praias e tempestades de areia assustam os que não têm experiência de viver no deserto.

A comissão científica do Seminário liderada por Christiana Africaner uma arte/educadora muito especial atenta a cada detalhe da organização e rigorosa com a qualidade do programa, teve 19 representantes da África do Sul, Portugal, Egito, UK, USA, Canada, Espanha, Finlândia, Austrália, Filipinas, Hungria, Turquia e Brasil.

Do Brasil eu e Miriam Celeste Martins fomos as participantes do Comitê Científico, mas infelizmente só eu compareci ao Seminário que contou com a colaboração de mais dois professores do Brasil de cujo trabalho excelente falarei mais adiante.

O Seminário reuniu mais de 200 participantes de todas as regiões do país e mais de 20 convidados estrangeiros, a maior parte deles de países não africanos. Os países com maior número de participantes foram Portugal e Finlândia duas delegações importantes intelectualmente e politicamente com quatro especialistas cada uma. A estrela do Seminário foi Marc Fritzsche da Universidade de Koblenz-Landau na Alemanha. Ele falou sobre Transculturalismo em Arte Educação. Lembrou que a Namíbia já fora dominada pela Alemanha o que me fez pensar no paradoxo dos povos da Namíbia serem um dos povos mais antigos do mundo, segundo os antropólogos, preservados do comércio de escravos pela inacessibilidade de seu território mas uma das nações mais jovens. O país foi dominado também pela Inglaterra da qual herdou a sua língua oficial e pela África do Sul quando foi obrigada a aprender o "africâner". O país foi liberado somente em 1990 embora a cidade de Walvis Bay (o porto é que interessava) tenha continuado na posse da África do Sul até 1994.

Marc resgatou o conceito de transculturalidade de Wolfgang Welsch do fim dos anos 90 tornando-o muito importante para a arte/educação atual sob a tensão do movimento de refugiados na Europa. A afirmação de que a Cultura é um bem móvel, um processo de constante remix torna complexa a noção de identidade. A noção de terceiro espaço de Homi Bhabha, de remix de Schnurr, e de alteridade de Edward Said, que não são conceitos novos ganharam profundidade e urgência nos últimos anos, segundo Marc, um jovem muito inteligente, combativo e corajoso. Ele enfrentou o machismo dos mestres de cerimônia do seminário (coordenadores das apresentações) reclamando em público que eles se dirigiam aos palestrantes homens chamando-os doutores e pomposamente sublinhando e destacando este tratamento e às mulheres também doutoras chamava só pelo nome. O pior é que na apresentação de algumas mulheres doutoras eles faziam piada com os títulos da apresentação deixando as mulheres encabuladas. Um deles fez isto comigo e eu reagi pedindo respeito com os povos indígenas de meu país dos quais eu ia falar. A piada foi substituir o termo "crafts" do

título da minha palestra por “witchcraft” que carrega um histórico de perseguição às mulheres e desqualificação dos povos autóctones colonizados pelos europeus. Em resposta a minha reação ele não abriu para perguntas do público depois de minha fala, mas não fez falta. O clima de diálogo dominou graças ao espírito participativo dos jovens arte/educadores e artistas da Namíbia e a coordenação democrática de Christiana Africaner e de Teresa Eça, da InSEA que está encerrando seu segundo período de presidência com este Seminário na África, uma atitude simbólica.

Diferentemente do Brasil há uma paridade de gênero na Arte/Educação na Namíbia, enquanto no Brasil temos poucos homens e muitas mulheres. Fora este incidente fomos muito bem tratados no Seminário. Eu, que estou acostumada a que em países colonizados o tratamento dado aos europeus e americanos do norte é diferenciado para melhor em relação aos convidados de países em desenvolvimento, fiquei muito comovida com o tratamento cuidadoso que todos tiveram comigo, talvez em respeito à minha idade e ao fato de eu ter sido presidente da InSEA.

Os assuntos das keynotes foram os mesmos que estão chamando a atenção dos arte/educadores de todo o mundo : problemas de gênero, problemas de decolonização, de diversidade cultural, relação entre design e arte, entre tradição e contemporaneidade, design thinking, criatividade, experiências comunitárias e muita preocupação com o papel das Artes para a liberdade, emancipação, sustentabilidade e crescimento econômico. Este último foi assunto de palestra de Christiana Africaner.

O destaque entre os temas foi a importância da diversidade cultural como herança na África nas apresentações de Jorge Gumbe artista e professor universitário em Angola, e também de Ndasuunye Papa, homem sábio da Namíbia.

Programas muito interessantes em Universidades foram apresentados como o de Wearable Art de Olusegun Adeniyi, um dinâmico jovem artista e professor da Nigéria; o de formação de professores para a interculturalidade de Sylvia Esser da Alemanha; o de ensino de inglês como segunda língua e Artes de Tara Ratnam da Índia, o de formação de professores para a cidadania de Alan Richards e Steve Willis dos Estados Unidos, o de Design Thinking de Gabriela Pataki da Hungria, o sobre a Metodologia da a/r/tography através da análise de cartões postais de Rita Irwin (Canadá), as excelentes palestras de Teresa Eça de Portugal sobre Arte/Educação e desenvolvimento social e de Pilar Perez da Espanha sobre desenvolvimento da criatividade.

Ainda sobre o trabalho em Universidades tivemos o Projeto FADS apresentado por Kevin Tavin e Mira Tavin acerca de um consorcio doutoral entre três universidades da Finlândia : Aalto University , School of Arts Design e Architecture e mais duas universidades da Finlândia onde o campo de Arte/Educação é considerado campo de pesquisa e estudos e não apenas atividade escolar, a Universidade de Lapland e a Universidade de Jyvaskyla. Os coordenadores dos programas de Doutorado em Arte/Educação decidiram que o propósito do consorcio seria criar um fórum de discussão entre 14 alunos de doutorado por eles escolhidos, 6 de Aalto por ser o maior programa doutoral e 4 de cada uma das outras universidades .O projeto durou 4 anos , houve mobilidade, entrada e saída de estudantes a medida que terminavam os doutorados . Havia um encontro presencial por ano e os estudos decorriam em grupo, em duplas ou individualmente durante todo o tempo resultando em um livro que os apresentadores distribuíram ao público intitulado Experimenting FADS (Finnish Art Education Doctoral Studies) .

Os encontros presenciais anuais eram preparados para facilitar a interrelação pessoal ,cada ano em uma das Universidades envolvidas e era previsto sauna, refeições bem planejadas e muita discussão . Cada um destes encontros teve convidados especiais . No primeiro (2014) na Universidade de Lapland foram convidados Jan Jagodzinski da Universidade de Alberta no Canada e Kerry Thomas e Karen Marras da Universidade de New South Wales, Australia. No segundo encontro em 2015 na Universidade de Jyvaskyla o convidado foi John Derby da Universidade de Kansas, USA, o terceiro na Universidade de Aalto em 2016 teve como convidado Marc Fritzsche de quem já falei neste texto identificando-o como a estrela do Seminário da Namíbia. Trata-se de um jovem pesquisador muito talentoso e crítico. As tarefas para serem feitas através da internet eram muitas, entre elas escolha de textos fundamentais a serem lidos e debatidos não só sobre as pesquisas de cada mas era preciso estarem atentos para textos apropriados para as pesquisas dos outros componentes do grupo assim como textos sobre ambientes e abordagens facilitadoras de pesquisa.

A segunda tarefa especialmente depois do segundo encontro era: Pesquisar pesquisas já terminadas e por fim

Troca de pesquisas. Esta talvez a tarefa mais difícil porém mais produtiva, trabalhar nos sumários de pesquisa uns dos outros, ver com diferentes olhares a mesma pesquisa. Tenho experimentado este processo no Doutorado em Artes , Design e Tecnologia da Universidade Anhembi Morumbi e ele se revela muito produtivo . Entretanto o que me fascinou no FADS foi o conjunto de tarefas e o

resultado publicado em livro que mostra o valor do diálogo sistematizado entre doutorandos para revelar o que há de ambíguo, de relevante, de discutível na Arte/Educação de hoje.

Neste projeto os Tavins decidem nomear Art-Education com hífen. Não entendi muito bem a razão, mas entre os anos de 70 e 90 eu também assim nomeava a área: Arte-Educação com hífen. No meu caso o fiz porque queria destacar a cumplicidade, a interdisciplinaridade das duas áreas, Arte e Educação dialogando em pé de igualdade sem a primazia de uma sobre a outra como no caso da nomeação Educação Artística que tornava a Arte mero adjetivo da Educação. Hoje escolho o termo Arte/Educação porque um linguista disse ser a forma que demonstra mútuo pertencimento.

O livro editado por Kevin Tavis e Mirja Hiltunen¹ é excelente, tem 25 capítulos. O que mais me interessou foi o capítulo 9 de Henrika Ylirisku e Kerry Thomas sobre Criatividade e Sustentabilidade como prática pedagógica paradoxal na realidade da Arte Educação Visual. O paradoxo é que se pensa que os estudantes permanecem comprometidos com seu processo criador embora desejando a intervenção do professor. Entretanto os autores verificaram que os estudantes ficavam felizes em aceitar o que o professor propunha para o trabalho deles, sacrificando suas próprias intenções²

Meu interesse foi maior por este texto porque estou pesquisando sobre a volta da criatividade em Arte/Educação. Nos anos 70 e 80 os estudos sobre criatividade valorizavam principalmente a fluência e a originalidade. Hoje o interesse sobre a criatividade volta, depois de

¹Kevin Tavis e Mirja Hiltunen. *Experimenting FADS Finnish Art Education Doctoral Studies*. Helsinki: Aalto University Publication Series Artes+Design+Architecture. 2017

²Henrika Ylirisku e Kerry Thomas. “Creativity and Sustainability as Paradoxical Pedagogic Practices in the Reality of Visual Art Education in Kevin Tavis e Mirja Hiltunen. *Experimenting FADS Finnish Art Education Doctoral Studies*. Helsinki: Aalto University Publication Series Artes+Design+Architecture. 2017 pag 94 a 101.

uns quinze anos de apagamento desta palavra no vocabulário pedagógico, valorizando mais a flexibilidade e a reelaboração. Estou pesquisando esta reelaboração, a criatividade coletiva e a criatividade e o ativismo político em Arte.

Uma parte importante deste seminário na Namíbia que bem poderia ser chamado de Congresso foi a planejada relação da teoria com a prática em bem organizados workshops. Digo que poderia ser intitulado Congresso dado o cuidado dos organizadores em terem professores de todas as regiões (o equivalente a Estados) do país com estadia e passagem pagas pelo Ministério da Educação para estarem presentes e servirem de multiplicadores desta experiência em seus locais de trabalho. Alguns professores puderam até levar um ou mais alunos. Houve oficinas para os membros do Seminário e oficinas nas escolas de crianças e adolescentes da rede pública dada por artistas ou professores de universidades estrangeiras. Este foi o caso do trabalho de Paulo Cesar da Silva Teles da UNICAMP Brasil e Roxana Bernardo da Escola Waldorf de Campinas. Eles chegaram a Walvis Bay uma semana antes do Seminário e trabalharam numa escola. Apresentaram o resultado do trabalho de fotografias feitas pelas crianças de 9 a 14 anos, entrevistas de áudio com eles e domínio de tecnologias contemporâneas. O trabalho se corporificou numa escultura de uma palmeira de papelão e outros suportes com dois sensores eletrônicos : um de som e outro de imagem . No primeiro ao nos aproximarmos ouvíamos as falas dos adolescentes sobre sua vida , seus objetivos e suas expectativas. Do outro lado o sensor de imagens ao nos aproximarmos projetava as fotografias produzidas por eles. Os dois professores formaram uma dupla de ação educacional muito positiva. Paulo, canalizador de teorias na pratica, inteligente e inquieto estimulou as falas e imagens produzidas pelos alunos e Roxana um ser aglutinador estimulou a coesão com sua presença calma mas produtiva que põe ordem em qualquer caos. No sábado dia 3 a noite houve um encontro de Arte de uma escola privada no qual foi novamente apresentada e discutida a instalação da arvore.

Outro workshop com crianças em escola pública foi o de Sasha Sicurella artista canadense da instituição ARTOMI de New York (education@artomi.org) dirigida ao desenvolvimento da criatividade e exploração da identidade cultural através da arte, fotografia, cinema e auto retrato ao redor do mundo.

Muitos corais infantis, de adolescentes e de adultos de alta qualidade se apresentaram nos intervalos das palestras e workshops me fazendo crer que a Música é a Arte mais atuante nas escolas da Namíbia

Samia El Shaik do Egito e membro do Comitê Regional da Africa na InSEA deu divulgação aos valores da União Africana que enviou como delegada para o Seminário Angela S. Martins diretora de Políticas Culturais, uma determinada e inteligente Moçambicana.

O Seminário mobilizou as pessoas ligadas ao poder público da Namíbia que falaram nas cerimônias de abertura e fechamento como o Governador da Região de Erongo , o Prefeito de Walvis Bay , Diretora de Educação e vários honoráveis de diversos conselhos de Estado (Região) A presença dos políticos que têm poder para mudar é uma esperança que valorizem mais ainda a Arte na Educação porque Arte/Educação é um direito humano.